

INSPIRE-C

INSPIRAÇÃO, REFLEXÃO E ÉTICA
CONHECIMENTO E DINAMISMO

EDIÇÃO
NÚMERO

10

ANO 2

JUNHO/JULHO

2019

**A Complexidade Humana:
as decisões e caminhos do
corpo, da alma e do intelecto**



04 Editorial

06 Caminhos da sexualidade,
descobertas e reproduções

Por Mainá Santana



A ética sob outro prisma 12

Antonio Carlos Hencsey

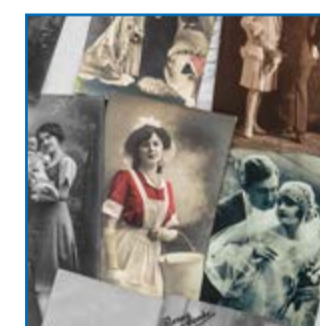


20 O poder que a nuca do
amiguinho tem

Gerson Carlos Tiburcio

Inspiração 24

Juliano Caravela



28 Carta às mulheres

Por Catarina Coelho da Rocha Lima, 16 anos

A Ética no Cinema 32

Por Marcella Erédia e Natasha Lima



34 Breves histórias de São
Paulo: o Centro Histórico

Culture-C

41 Arte em Vo-C

Vários autores

Amigas e amigos leitores!

Recentemente reli uma pequena peça teatral de Aristófanes, *Lisístrata, a greve do sexo*, motivado pelo tema da décima edição, isto é, o sexo. Cheguei a pensar no seguinte título de capa: *Afrodite e...* O problema é que este “e” não evoluiu e somente Afrodite não faria sentido — já que não iríamos falar absolutamente nada sobre a deusa grega. No fundo, eu buscava um manto para a palavra sexo, usando como desculpa a deusa Afrodite. Ledo engano! Deixei de lado a Afrodite e fomos de peito aberto gravar uma incrível entrevista com a psicoterapeuta corporal Deva Kiran.

Com uma sensibilidade única e uma oratória que é para poucos, Kiran fala de maneira clara, sutil, delicada e ao mesmo tempo direta, passando longe de qualquer possível vulgarização — o que infelizmente é muito comum —, sobre o sexo. Não haveria forma melhor de abordar o assunto, ou seja, sem manto e Afrodite para taparmos o sol com a peneira. Sexo faz parte da vida e já que a INSPIRE-C se propõe a falar de tudo que condiz à condição humana, nesta edição trazemos duas matérias que falam sobre o tema.

Confesso que não foi tão simples assim e que criei uma autorresistência ao escolher o tópico sexo, pois para alguns (acho que sou um deles) o assunto pode ser extremamente complicado e para outros, por sorte, muito natural. Dividido entre o complicado e o natural, meu receio

era comprometer a credibilidade da INSPIRE-C e criar um pretexto que pudesse pôr em dúvida a qualidade da revista. Mas, ao mesmo tempo, deixar de falar sobre sexo é falar apenas de um pedaço da vida. E como a nossa proposta é sermos plenos e honestos em tudo que fazemos para vocês, amigas e amigos leitores, tivemos a sorte de contar com a competência da Deva Kiran e, mais uma vez, com o talento da Mainá Santana — que dispensa qualquer comentário sobre a qualidade de seu trabalho —, e essas duas grandes mulheres falam de maneira primorosa sobre sexo.

Para aqueles que teimam em tornar tudo mais complicado — digo isso por experiência própria —, o remédio é assistir à entrevista da Kiran, ler o artigo da Mainá e ler *Lisístrata*. Tudo isso deve ser feito sem medo nem resistência! Sobre os trabalhos da Kiran e da Mainá já comentei, são primorosos. Então, por que ler *Lisístrata*? Porque só de pensar que em 487 a.C. Aristófanes cria uma peça teatral cômica que mostra o poder do sexo e a força que ele tem para trazer a paz ou criar a guerra, mesmo que numa obra ficcional, e que até hoje é atual, é a melhor opção para descomplicar, ou seja, rir do que se pensa ser complicado. A receita funcional!

Não só o tema desta edição é novidade, a outra é a estreia de uma nova coluna intitulada Cine Sofá. Capitaneada pelas competentes Marcella Erédia e Natasha Lima, trará em cada edição dicas e comentários

sobre os melhores filmes. Inauguram a coluna com os filmes *A Escolha de Sofia* (1983), dirigido por Alan Pakula e *Os Suspeitos* (2013), de Denis Villeneuve, que têm a ética como tema central.

Espero que curtam esta décima edição, e que o tema possa inspirá-los para uma vida cada vez mais feliz, reflexiva e saudável.

Desejo uma excelente leitura e, como sempre, é um prazer enorme tê-los conosco.

Grande abraço,

Ronaldo Campos

ronaldo@revistainspirec.com.br



Foto: Olga Vlahou



Foto: Olga Vlahou

Revista INSPIRE-C

Revista Institucional do Espaço Ética — Serviços de Palestras, Ensino, Capacitação e Assessoria Sociedade Empresária Limitada. (www.espacoetica.com.br)

INSPIRE-C é uma publicação bimestral da empresa Espaço Ética direcionada ao mundo corporativo articulando conhecimentos acadêmicos e empresariais, ligados principalmente à ética.

A Revista INSPIRE-C publica múltiplas expressões para cada tema em suas edições bimestrais, valorizando a diversidade de opiniões num espaço democrático. Ela não se responsabiliza pelas opiniões de terceiros e tem a prerrogativa das publicações.

Editor responsável

Ronaldo Assais Ribeiro Campos — ronaldo@revistainspirec.com.br

Sub-editoria de cultura

Mainá Santana — maina@revistainspirec.com.br

Diretores Institucionais

Karina de Andrade Macieira
Clóvis de Barros Filho

Design, Diagramação e Projeto Gráfico

Ana Carolina Ermel de Araujo

Fotos: DepositPhotos.com

Revisão

Hebe Ester Lucas

Mídias Sociais:

Marcella Erédia
Aline Erédia

Assinatura, sugestões e reclamações

ronaldo@revistainspirec.com.br
(11) 3661 7532

Colaboradores

Maria Cristina Poli
Sula Vlashos
Rodrigo Leitão

Comercialização

ronaldo@revistainspirec.com.br
(11) 3661 7532

espaçoética

Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
Cidade: São Paulo, SP
CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532

Caminhos da sexualidade, descobertas e reproduções

Por Mainá Santana

sexualidade
feminina
sexualidade
masculina
corpo
descoberta

Ao buscarmos o conhecimento de nosso próprio corpo, podemos questionar o modo como vivenciamos nossa sexualidade, experimentando outros caminhos, talvez menos árduos, com mais presença e menos cobrança de si e do outro. Alguns dos apontamentos podem ajudar a escapar de objetificações e relações assimétricas quando assim desejado, especialmente no que tange ao feminino. Este texto é um pouco mais longo que o comum, porque a síntese não caberia a tanto pano pra manga — textos com “faça isso”, “seja aquilo” são fáceis de encontrar e a proposta de evitar regras preconcebidas traz certo desenvolver de minúcias.

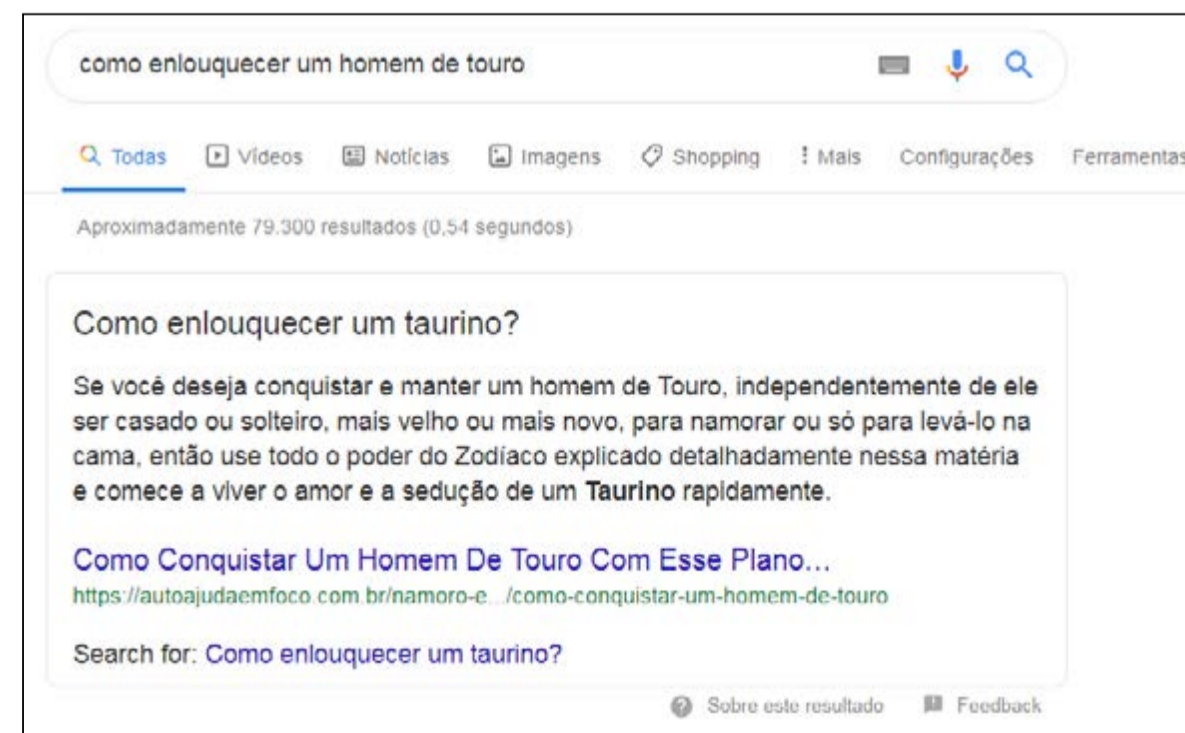
A primeira memória que me vem à cabeça quando penso em textos sobre sexualidade tem a ver com revistas “femininas”, daquelas que a gente aprendia a ler na adolescência. Lembro-me de títulos tipo “Como enlouquecer um homem” ou “seja uma deusa na cama”. Na realidade, quando escrevi

em um site de busca “como enlou”, para checar se não estou inventando memórias, o próprio site me sugeriu que eu completasse com “como enlouquecer seu chefe” e, em seguida, “como enlouquecer um homem de touro”. Por curiosidade, cliquei e tirei um *print* da minha tela, só para compartilhar com vocês.

Nessa minha pesquisa, me chamou a atenção o fato de que ainda estamos falando — raramente — de como dar prazer *ao outro*. Tem algum tempo que venho me questionando se o outro (ou a outra, ou e outre) deveria ser real-

mente o sujeito da *minha* sexualidade. Será possível ter um corpo que vive uma sexualidade plena?

Primeiro. Entendo que sexualidade tem a ver com uma exploração do erótico, de si e do outro, não apenas durante o ato sexual. Li um milhão de vezes quanto a mulher “se prepara” para o sexo, quanto a fantasia



Que corpo é esse que se apresenta diante do espelho? Eu me olho no espelho por completo?

envolve o seu imaginário, que o cuidado que o homem tem com a mulher pode entrar no campo do erótico feminino e deixá-la mais suscetível ao encontro com o parceiro. Tudo em função do que o outro me proporciona, nada em função do que *eu desejo ou sinto*. Quando procuro respostas via internet (ou seja, externamente), a grande maioria das falas me traz coisas do tipo “explore o seu corpo”, como as regrinhas aprendidas lá nos meus 15 anos lendo revista com as migas. Explorar como? Explorar o quê? Que corpo é esse que se apresenta diante do espelho? Eu me olho no espelho por completo? Ou tenho nojinho do que eu sou? Por quê? E então, questiono se os homens sempre são essas pessoas preparadas para o sexo, a qualquer hora, imbrocháveis, viris e insaciáveis como nas rodinhas de conversa as quais pude tangenciar. Nesse sentido, é de meu interesse perguntar junto aqui a quem me lê que raio é essa exploração do corpo, o que é essa compulsão por ser uma deusa do sexo e por ter o seu pênis sempre pronto. E, obviamente, eu parto do meu lugar de fala (mulher, negra, com ascendência indígena, hetero, magra e sem deficiência) para escrever este texto, mas penso que são colocações pertinentes para muitas pessoas, seja porque parti-

compreensão de si mesma/o e *depois* com o outro nessa relação. Infelizmente, isso perpassa por construções sociais de qual corpo é o seu; tem sempre alguém dizendo o que você é (vide “*tira a calça jeans, bota o fio dental, morena você é tão sensual*”, entre outras narrativas erotizantes e objetificações diversas). Como perceber a si sem passar por esse lugar colocado como “*o seu*”? Talvez uma ajuda seja perceber primeiro seus amortecimentos. Perceber quantas horas meu corpo fica sentado, de pernas cruzadas, ou quanto tempo fica enlatado na lotação, se vive cheio de dor. Tem ainda aqueles corpos que precisam se preocupar se não vão tomar 81 tiros, se vão sustentar ou se rebelar contra a fama do “grande dote” ou de sua “*sensualidade natural*”, desde antes da adolescência. Outros que enfrentam relações gordofóbicas, e por aí vai. Alguém me explica: como é possível ter uma sexualidade madura e minimamente plena quando você leva todos os estereótipos para a cama com a/ o parceira/o?

lhamos algumas especificidades (tipo ser hetero, negro, mulher), seja porque nos relacionamos com o diverso.

Pois bem, talvez compreender uma sexualidade saudável passe primeiro pela

[*Eu nunca tive problemas com isso*]. Nunca teve ou nunca soube nomear seus desconfortos? Ouvimos falar sobre “tamanho não é documento” em qualquer revista *feminina* que discorra sobre onde a mulher sente prazer, mas dificilmente contam para a população que a vagina tem menos terminações nervosas que a vulva (imagine passar bebês por ali se assim não fosse?!). Até tratam do assunto clitóris (que não é só o chapeuzinho, homens heteros e bis), mas não nomeia muito a vulva (parte externa da vagina) como esse lugar maravilhoso e cheio de terminações nervosas, o dobro da glândula peniana. O períneo e o ânus, então, são esquecidos por muitos casais, por conta de tabus. Lembro-me de ter ouvido que “*mulher que dá o cu é puta*”, “*homem que dá o cu é viado*”. Que coisa horrível! Só as putas e os viados têm direito ao próprio corpo? Você sabia que têm prostitutas e gays que também sofrem com esse tabu? Por que é que alguma parte de nós mesmos, de homens e mulheres, deveria ser intocável? Você, no seu quarto, no seu banheiro, no seu íntimo, não deve nada a ninguém e aí eu lhe digo: não gostar é diferente de não testar e fugir de conhecer.

Para além daquelas questões anatômicas (superimportante de olhar, tocar, sentir), entendo que tendemos a concentrar nossa energia e atenção sexual apenas nos órgãos reprodutores, como se o corpo não fosse reco-

berto por um órgão maravilhoso chamado pele. Como se o corpo pudesse nos proporcionar prazer apenas na genitália (temos pele em todos os lugares, gente). Como se não tivéssemos ouvido, boca e todos os sentidos que podem ser usufruídos em uma troca com o outro. Como se explorar a própria sexualidade não demandasse tempo, atenção, quebra de tabus.

Talvez, para tanto, fosse divertido propor uma troca de afetos consigo mesmo/a. Aparentemente uma bobagem, mas qual é a atenção que você dá ao seu corpo durante o banho? Quais os cheiros que você gosta ou não de usar? Não, não é só o perfume caro, isso não tem a ver com preço, nem — neste momento do texto — com o outro e com o que ele vai achar, mas com como você gosta da textura da *sua* pele, com conhecer os *seus* cheiros; os que a sua pele recebe e exala, sem julgamentos. Quanto você presta atenção no seu corpo, independente de? Como você transa (e o programa de texto me corrige para “*relação amorosa*”, porque não podemos nomear as coisas do corpo como elas são) *consigo mesma/o*, ao longo do seu dia, sem tocar na sua genitália? Perceber essas sutilezas transforma como você se vê e se relaciona com o mundo.

Afinal, o objetivo de estar ali é a penetração? Por que precisa ser um tabu falar sobre o caso? É tudo sobre o pênis? Todos nós aprendemos que é, sim, e que é desrespeitoso questionar essa suposta *eficácia infalível* do



falo. E aí, quando ele supostamente *falha*, isso é motivo de vergonha e de questionamento da masculinidade de alguém. Homens, um informe: vocês podem gozar sem ereção e isso não é uma disfunção. Vocês podem gozar também sem ejacular. Você pode não querer gozar e nada disso te faz mais ou menos homem. Como é tóxico e entranhado em nossos corpos esse tal machismo. Mal sabemos nomeá-lo, mal sabemos notá-lo, e por mais atentas e atentos que estejamos, elogiamos o tamanho do pênis do nosso parceiro, ajudando a mantê-lo nesse lugar de dominância, dando a falsa ideia de que isso é importante. Sim, talvez no imaginário, mas e ali no físico? Talvez nós, mulheres, precisemos *sempre* recorrer ao imaginário para a nossa satisfação por não conhecermos nosso corpo de maneira a testar e indicar outros caminhos. Se somarmos uma coisa à outra, podemos brincar com tudo.

[Ah, mas e se o/a fulaninho/a me julgar, não me achar forte suficiente, magra/o suficiente, sexy suficiente, homem suficiente?] Talvez o fato de uma pessoa não achar você *suficiente* demonstre a falta de sentido em lançar-se com ela em algum envolvimento. Inclusive, isso pode não ser um fato, mas um lugar do seu próprio imaginário, por ter vivido situações semelhantes, pois o reforço de situações desconfortáveis nos convida a vestir uma armadura perante o outro. Não acho que haja alguém neste



planeta que seja *insuficiente*. Temos tudo de que precisamos dentro de nós mesmos; a insuficiência me parece uma narrativa que inventamos para criar critérios de superioridade e inferioridade. E se inventamos, podemos criar muito bem desinventar. Aí cabe a você escolher um/a parceiro/a que ou esteja nesse pé, ou que tope conversar sobre sexualidade com você, apesar das dificuldades e dos pudores (busquem se lembrar de ser generosas/os, a sociedade está falando também a essa pessoa como ela deve ser).

[Realmente, eu sou muito maravilhoso/a, um primor da natureza humana, já saquei as coisas, olha só esse isso tudo, uau, sou um deus.] Não é bem disso que estou falando; usar o outro lado da moeda ainda é usar a mesma moeda e, fatalmente, você não vai querer pagar esse preço. Não há superpotência sem impotência — vale mais a pena pensar na **potência**, essa que todos nós temos para fazer qualquer coisa. [Ah, mas o boy brochou, não eu.] Novamente, essa só é uma situação difícil porque inventamos que é difícil. Ainda que não seja comparável, porque o silêncio feminino não necessariamente é uma opção consciente: mulheres, vocês também já estiveram sem lubrificação alguma vez na vida, possivelmente forçaram uma barra e possivelmente entenderam que aquilo não foi gostoso; então, em algum lugar, nós sabemos que não é sobre isso. Em oposição, podemos acreditar que o problema somos nós

Temos tudo de que precisamos dentro de nós mesmos; a insuficiência me parece uma narrativa que inventamos para criar critérios de superioridade e inferioridade.

porque ele brochou, aceitando uma objetificação em relação ao outro, introduzida socialmente dia após dia em todos os nossos corpos, para que acreditemos que existe uma *culpa* e que ela é *nossa*.

Você pode marcar um encontro, transar e fim. Definitivamente não estou julgando, muitas mulheres lutaram para que isso pudesse acontecer *para todas as pessoas* sem que elas fossem chamadas, por exemplo, de *vadias*. E sabemos bem quanto isso ainda acontece. Minha sugestão é adicionarmos camadas a essa troca com o outro, entendendo que é uma troca, não um “venha a mim o vosso reino” ou uma servidão ao desejo alheio. Você também pode marcar um encontro, não gostar e ir



embora. Ou gostar e ir embora. Você pode marcar um encontro, conversar, conhecer a pessoa, sentir seu cheiro em um abraço, não como um animal à caça — e isso eu julgo, sim, porque ninguém é objeto de ninguém —, mas pela experiência de encontrar com outro ser humano. Tem a possibilidade de jogar ou não jogar, de estar ali por inteiro, fragilidades, diversidades e virtudes, tudo junto, como qualquer outra pessoa.

Faça o que tiver vontade, mas saiba de seus desejos (e eles ainda assim vão te surpreender), sem ser egoísta a ponto de não perceber que a outra pessoa está ali. É sobre isso, não é? Estar com o outro, trocar? Deixar-se levar pelo prazer de uma troca sexual íntima é estar presente, conhecer-se e se propor a conhecer o outro/a, sem que um brilhe mais ou menos, independentemente de ser ou não uma noite só. E aí, se organizar direitinho, todo mundo fica feliz. ■

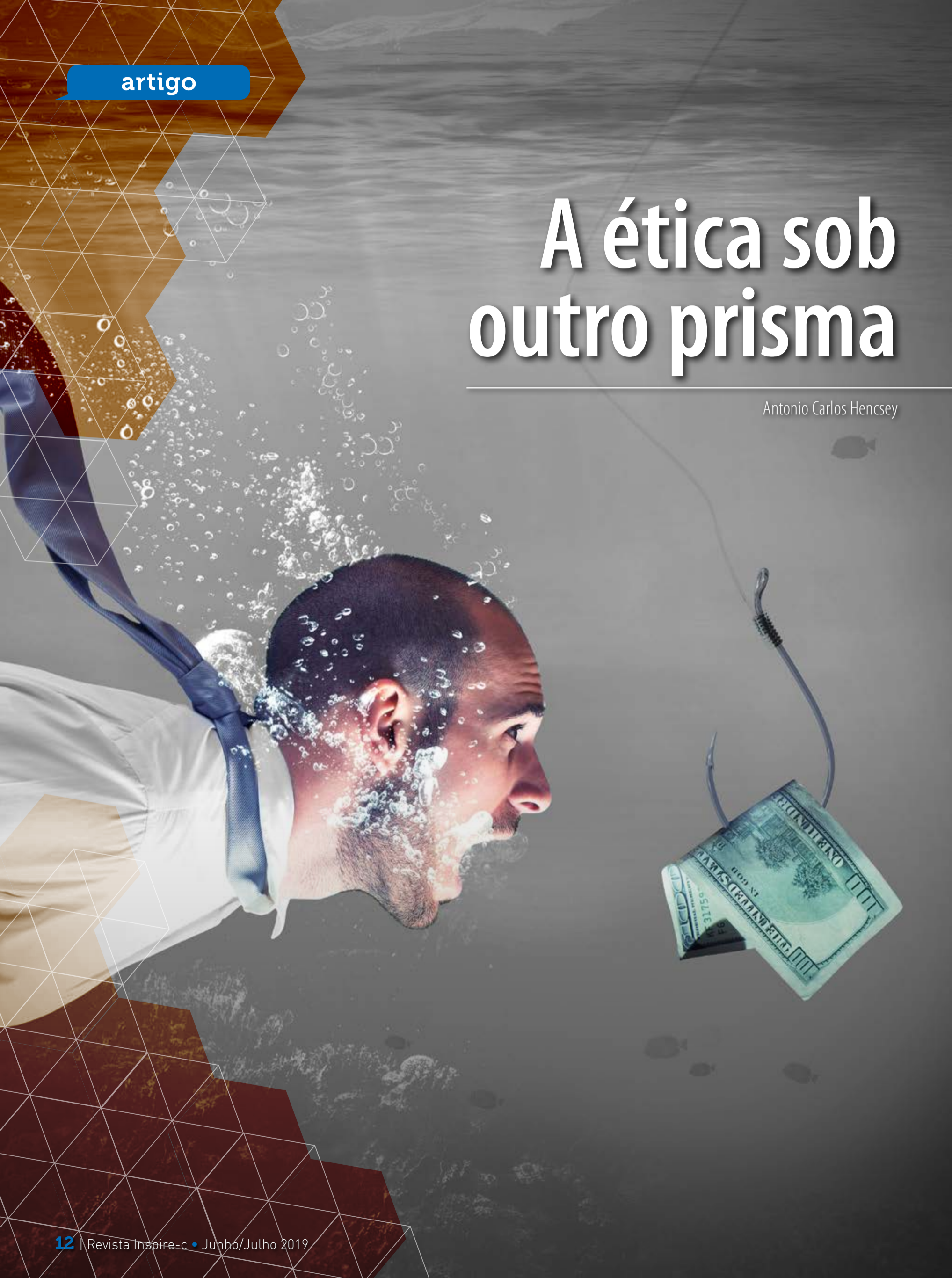
* Mainá Santana é artista da dança, arte-educadora, escritora, poeta, subeditora, psicóloga, banca de editais e professora.



Foto: Olga Vlahou

A ética sob outro prisma

Antonio Carlos Hencsey



flexibilidade moral
ética
Criminologia empresarial
psicologia social

Como a criminologia empresarial e a psicologia social embasam a tomada de decisão ética de um indivíduo? Junto à filosofia, essas duas ciências possuem metodologia e experiência para explicar muito do que fazemos, escolhemos e somos quando o tema é fazer o certo e o errado.

O que a ética, a psicologia social e a criminologia empresarial têm em comum? A resposta é: tudo. Essas três belas ciências conversam entre si tão bem quanto os instrumentos uníssonos regidos por um bom maestro, ou toques de luz e sombra dando vida a uma linda obra de arte.

A busca do certo pelo certo, encontrar o equilíbrio entre o indivíduo e o coletivo e as diversas motivações para o porquê nos comportamos da forma como o fazemos é parte do que procuram filósofos, psicólogos e criminologistas, e, neste texto, venho apresentar a visão de duas dessas áreas de conhecimento.

Como psicólogo e criminologista empresarial tenho o privilégio de ver a beleza da compreensão, da vivência e da aplicação do certo e do errado como um caleidoscópio, em toda a sua complexidade de formas, cores e transmutação. O que é ser ético, e o que leva um ser humano a transgredir regras, acordos e até mesmo a lei em razão de contextos, momentos, questões pessoais ou profissionais.

Bom, uma primeira imagem desse caleidoscópio é que nem sempre aquele que age de forma eticamente impecável diante de um estímulo específico terá o mesmo comportamento ilibado diante de outro diferente. Parece óbvio, mas não é. Isso contradiz muitas das crenças do senso comum e do julgamento coletivo sobre a ética. Pensem em quantas vezes ouviram que quem para na faixa de pedestres é o mesmo indivíduo que obviamente pagará uma propina, e se ainda não o fez, certamente fará no futuro. E a fala vai além. Normalmente é seguida de: são pessoas assim que deixam o país pior e não permitirão nossa transformação em uma nação sólida e íntegra. Uma pausa. Antes que o leitor me critique, quero deixar claro que sou completamente contra o motorista que para sobre a faixa de pedestres. Agora, vamos voltar à análise original.

Até poderemos encontrar indivíduos tolerantes, ou como chamamos na criminologia, moralmente flexíveis para ambos os desvios, mas isso não é obrigatório. Na prática, tanto na sociedade como nas empresas, podemos ver pessoas que são flexíveis para um dos atos, mas não para

o outro. Vemos diversos casos em que o indivíduo pode até mesmo ser ferrenhamente contrário a pagar propina, mesmo sendo um sistemático “estacionador” em faixas de pedestres. Um dos fatores de grande importância que interfere nesse processo é a autopercepção de honestidade que o indivíduo possui ao concluir cada ação. Ao realizar comportamentos, grande parte dos indivíduos almeja se sentir minimamente bem consigo, mantendo uma percepção de honestidade em suas decisões e aceitando seus atos tendo ao menos uma boa justificativa para ter realizado o que fez, em caso de dissonância. Se pagar propina, por exemplo, não puder ser compreendido como algo compreensível, aceitável ou tolerável, gerando repulsa e uma autopercepção negativa, racionalizar esse desvio diminui a probabilidade de autoengano, impedindo a eliminação da culpa pela transposição dos próprios valores ou valores da microcultura do indivíduo

Pessoas não são totalmente boas, tampouco totalmente más, e nem poderiam ser, apesar de muitos quererem acreditar nisso.

e, conseqüentemente, esse comportamento dificilmente será realizado.

Por outro lado, o indivíduo pode se sentir perfeitamente sintônico parando o seu carro em uma faixa de pedestres, prejudicando dezenas de pessoas, impedindo o fluxo de idosos e cadeirantes, colocando valores individuais acima do bem comum e aceitando esse comportamento como algo tolerável. Nesses casos, o controle do comportamento e o seu balizamento moral não são internos, autônomos, mas sim precisam de um elemento externo que potencialmente o conduzirá através da punição, evitação de prejuízo ou educação a uma nova probabilidade de conduta mais aderente aos acordos coletivos.

A segunda imagem formada do nosso caleidoscópio é que a flexibilidade moral tem um misto de fluidez com estabilidade. Conforme vimos, pessoas não são totalmente boas, tampouco totalmente más, e nem po-

deriam ser, apesar de muitos quererem acreditar nisso. Essa realidade dificulta muito a tarefa de quem vive trabalhando com o tema ética, sejam filósofos, psicólogos sociais ou criminologistas, uma vez que é bastante comum termos de desmistificar a existência de rótulos como “ícone da honestidade” ou “o eterno pilantra”. Essa visão dicotômica da integridade

humana torna extremamente complicada a relação das pessoas com erros, transformações e evoluções, pois se um indivíduo é visto como um pagador de propina contumaz, certamente ele será, para sempre, a causa da desgraça da empresa ou, por que não, do país, sem nunca ter a chance de rever os seus valores. Em um papel oposto, porém igualmente ou mais difícil, está o “sr. Honesto”, aquele que é colocado em um pedestal, seja na empresa, seja na sociedade, como pilar dos valores e representante do que é certo. Na prática, vemos que essa pessoa perde o direito de errar, assim como perde o

direito de ser flexível para uma série de ações, e quando o faz torna-se alvo de violentos ataques daqueles que, flexíveis como ele, o tinham como salvador.

Bom, tudo isso para dizer que a flexibilidade moral tem um misto de fluidez com estabilidade, e em que sentido: na criminologia podemos separar o *spectrum* de flexibilidade moral em cinco grupos, cada um com características distintas, e o ser humano está em cada uma dessas categorias de acordo com o estímulo ao qual é exposto. Posso estar em um quando dirijo e tenho a possibilidade de falar ao celular simultaneamente, assim como posso estar em outro quando sou convidado a fraudar um processo de compras na empresa na qual trabalho. Somos diferentes de acordo com a percepção moral que temos das situações e, como veremos, dependendo do contexto que se apresenta.

Assim, iniciamos pela baixa flexibilidade moral, que consiste em uma moral autônoma. É o indivíduo como autorregulador do seu comportamento. Seria o estágio mais evoluído da construção moral, uma vez que a pessoa internaliza os valores do certo e age simplesmente por ser o certo. A busca pelo respeito coletivo, exemplo, preservação dos próprios princípios rígidos é o que direciona a tomada de decisão. Não há necessidade de controles externos. Regras servem somente como formalização do acordo. O processo de educação e aculturação ético foi completo e internalizado, trazendo reflexão sobre o porquê o respeito e a convivência são fundamentais. Assim, diante de situações em que há aplicação direta dessa percepção moral, o sujeito se nega veementemente a realizar ações ou fazer parte de ambientes onde essa prática é operada por sentir que essa realidade fere a sua dignidade, o seu existir.

A média baixa flexibilidade é também rígida em sua negativa em relação à ação, porém sua motivação para o comportamento é distinta. A moral, antes autônoma, já passa a ser refletida em uma

projeção feita no olhar do outro. Calma, eu explico. Quando o indivíduo é exposto a situações em que conflitos morais ocorrem, um processo é acionado, seja por recordação totalmente mental, seja por gatilhos físicos, visuais, auditivos ou outros em que fatores de grande afetividade e representatividade emocional são colocados como freios morais, tecnicamente chamados de fatores inibidores, a fim de reforçar os valores individuais aprendidos e até então estimados. Os reforçadores morais têm enorme importância no processo de motivação para a ação correta, não porque o indivíduo por si não possua a moral preservada, mas porque existem situações em que o ser por alguém ou para alguém ou até mesmo por alguma causa é um elemento potencializador que dá sentido à ética. Um elemento importante nesse caso é que na média baixa flexibilidade o indivíduo não age por medo de ser punido pelo seu reforçador moral. Em muitos casos, o seu reforçador moral nem mesmo sabe de sua influência. Pode até ser aquele antepassado já falecido que serve de exemplo por suas conquistas ou um parente bebê que levará anos para entender o que se passa.

É na média flexibilidade que as coisas começam a se complicar. Quando todo ser humano passa a ser vulnerável e passível de coisas a que ele, em sua arrogância racional, acredita ser imune.

A palavra-chave aqui é pressão. Todo ser humano é vulnerável diante





de algum tipo de pressão, seja ela tempo, meta, autoridade, grupo, aceitação... Pressões internas, pressões externas. Pressões mais constantes ou mais esporádicas. A grande questão é: como lidamos com as nossas pressões? Reagimos a elas com o domínio que achamos que temos? Àqueles que responderam sim a essa pergunta, sugiro que leiam o livro *Obediência à autoridade*, de Stanley Milgram, um clássico da psicologia social.

Não somos racionais quando nos vemos em momentos de grande tensão emocional, e é natural que nossas escolhas éticas fiquem comprometidas, assim como diversas outras frentes. Assim, pessoas boas podem optar por ações que não fariam em outros momentos simplesmente para se verem livres da pesada mochila cheia de pedras que carregam. Nesse ponto recebo normalmente duas perguntas: Quer dizer então que se fazem errado motivadas por uma pressão, elas não têm culpa? E também, todo mundo que é pressionado então faz escolhas antiéticas?

Vamos lá, fazer errado é sempre errado e ponto. E nem sempre uma pessoa pressionada fará errado. Qual o mecanismo de acionamento da pressão e qual a relação dela com a ética?

Quando uma pessoa sofre uma pressão diante da qual se sente indefesa por diversos motivos, sobre os quais podemos conversar em outro artigo, pode entrar em um estado de ansiedade que a levará a uma busca de solução do problema. Se não identificar, não se recordar ou não acreditar que não pode por algum motivo buscar ajuda para uma solução ética dessa questão, ela passa a se ver em um dilema: enfrento sozinha esse problema, mantendo rigidamente os meus valores morais, que não compactuam com o que é errado, ou cedo à pressão e faço o que preciso para me ver livre desse peso?

Percebam que não é uma decisão fácil. Não se trata de comprar uma bicicleta ou ir ao cinema. Criminologicamente vemos que quanto mais distante a possibilidade de uma solução ética para o problema e quanto mais grave a percepção da ilicitude do ato a que o indivíduo terá de se submeter, maior a dor. Por outro lado, existindo uma possibilidade de agir de acordo com os seus valores, em sintonia com os princípios morais que regem sua tomada de decisão primária, essa pode ser a escolha realizada, desde que haja segurança para que seja enfrentada a pressão. Essa escolha é o que chamamos de independência sem segurança.

Não somos racionais quando nos vemos em momentos de grande tensão emocional, e é natural que nossas escolhas éticas fiquem comprometidas

Nesses casos, pensando na ética aplicada aos negócios, costumo dizer que a cultura ética, entre outras formas, deve ser trabalhada seguindo um modelo de treinamento para pilotos de avião. É bastante provável que nem todos os pilotos tenham estado em situações de crise com seus aviões à beira de um colapso na vida real, mas todos certamente passaram por essa situação talvez centenas de vezes em simuladores. Repetiram diversas e diversas cenas até tornar as situações de pressão tão automáticas que podem encontrar suas saídas de

maneira praticamente não racional. O estresse nesse caso não causa um estreitamento do campo espacial e temporal como causa em pessoas comuns, simplesmente porque os pilotos foram preparados para reagir sem pensar. Quando preparamos pessoas para reagirem diante de dilemas éticos e eliminamos a possibilidade de pressões como chefes ameaçando empregos, clientes chantageando com metas inalcançáveis ou até mesmo parceiros de trabalho cometendo assédio, o certo aparece aos olhos como a saída possível, obviamente desde que a empresa seja realmente correta e as coisas funcionem. Não adianta nada um excelente piloto em um avião sem querosene e sem peças.

A média alta flexibilidade já lida com questões morais de uma forma diferente dos níveis anteriores. Enquanto até aqui o valor era a prioridade e respeitá-lo era o centro, agora a moral universal e o bem comum passam a dar lugar a uma visão mais racional. Pressões e princípios dão lugar a incentivos. Vale a pena agir bem? Vale a pena descumprir o que combinamos? O que é melhor? E por mais que outros possam ser levados em consideração, o elemento central desta reflexão é o indivíduo tomador de decisão. A tomada de decisão ética, se é que podemos chamar assim, é individualista, mesmo que atinja outras pessoas de forma

Vemos pessoas que buscam ganhos e, diante do certo e do errado, avaliam a conjuntura fazendo quase que uma leitura econômica da ética.

positiva. Da mesma maneira é o não agir antiteticamente visando só a evitação da punição ou a perda de um elemento desejado. Se pensarmos bem, há uma grande diferença entre pessoas que fazem trabalhos voluntários porque se preocupam genuinamente com os outros e aqueles que querem *likes* e reconhecimento de terceiros ao divulgarem suas ações. Na prática, todos fazem o bem, você pode dizer; para os

assistidos, não faz diferença, mas a essência é distinta. Se houvesse uma lei, por mais absurdo que seja este exemplo, que proibisse trabalhos sociais de serem postados nas redes sociais, será que ambos continuariam suas atividades igualmente? Será que a motivação seria a mesma? O mesmo empenho? Talvez sim... Talvez não... Na prática, digo a vocês, já vi mais não do que sim. Em muitas empresas vi mais gente descumprindo regras, cometendo fraudes, desviando comportamentos quando o contexto mudava e seus incentivos externos eram retirados do que o contrário.

Da mesma forma, vemos pessoas que buscam ganhos e, diante do



certo e do errado, avaliam a conjuntura fazendo quase que uma leitura econômica da ética. No final, o maior peso da balança é que vale.

E, por fim, temos a alta flexibilidade, a quem na criminologia chamamos de predadores e na psicologia definimos como traços sociopáticos. Aqui, uma consideração importante. Não falo da patologia, e sim de traços que aparecem na tomada de decisão.

Nesse estado, a pessoa desconsidera a moral em sua tomada de decisão; a satisfação de suas necessidades é a prioridade e a arrogância, junto com o que chamamos de mente criminosa ou conhecimento do caminho para a ilicitude, são predominantes. Isso significa que não são novatos. Já estiveram aqui várias vezes. Sabem o que fazer e como fazer. Estão preparados para se defender, argumentar e contra-argumentar caso forem pegos, e estão bem com isso. Não há conflito. Suas atitudes contrárias à ética são sintônicas como um negativo à autonomia da baixa flexibilidade.

É o fulano que bebe e dirige, e diz que sabe o que faz defendendo firmemente a sua posição. Bate de frente com todos afirmando que mesmo alcoolizado é um excelente motorista. Faz isso com extrema frequência e não considera em nenhum momento estar errado. Errado estão os outros que lhe incomodam com essa palermice. Vídeos de acidentes não o comovem. Burro é aquele que não sabe beber e dirigir, diz ele. Se não sabe, não faça!

Esperto que é, tem aplicativos que burlam os controles, isso quando não é ele o desenvolvedor de um.

O nosso problema começa quando esse mesmo indivíduo de alta flexibilidade é eleito ser humano do ano por salvar milhares de pessoas de um genocídio na África, às quartas-feiras faz sopa para moradores de rua embaixo do Minhocão, dois meses atrás teve de decidir entre pagar ou não uma propina para conseguir importar 50 mil caixas de medicamentos para salvar crianças doentes e vez ou outra trai a sua esposa com uma mulher por quem é apaixonado desde a infância. Quem ele é?

Existes muitas outras imagens que a psicologia e a criminologia podem formar nesse caleidoscópio quando o assunto é ética. A importância que o contexto, as influências, os erros, a cultura, os dilemas, a racionalidade, a irracionalidade têm para a nossa tomada de decisão... Esse

é um universo amplo, maravilhoso e que permite reflexões e práticas bastante interessantes.

Isso nos mostra como é rico esse tema e demonstra o espaço no nosso país para que tenhamos ações que transformem a sociedade para o que queremos ser. ■

Antonio Carlos Hencsey

Diretor das áreas de Cultura Ética e Educação Corporativa na ICTS Protiviti

Criminologista empresarial, psicólogo formado pela FMU, pós-graduado em psicopatologia pela USP e pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, possui MBA em gestão de riscos e fraudes pela Faculdade de Engenharia São Paulo e diversos cursos voltados a prevenção de fraudes e análise de riscos humanos em universidades brasileiras e do exterior.

É membro do conselho acadêmico e docente do curso de MBA e pós-graduação de Gestão de Riscos de Fraudes Empresariais e Compliance da FIA / USP onde leciona as disciplinas de criminologia empresarial, prevenção às agressões morais e sexuais e auditoria de cultura de compliance.

É Membro do Observatório de Economia e Gestão de Fraude (OBEGEF) Porto-Portugal.

O poder que a nuca do amiguinho tem

Gerson Carlos Tiburcio(*)

**educação
escolar**
**alienação
professor
aluno**

Neste artigo, o professor Gerson Tiburcio questiona o sistema educacional público, do ensino fundamental e médio, aplicado às classes sociais menos favorecidas. Alerta que o mais preocupante, além do analfabetismo funcional, é a falta de contextualização das disciplinas, a mecanização do aprendizado em sala de aula e a defasagem do programa escolar que não se aplica mais aos alunos do século XXI.

Esta reflexão traz o perfil de uma grande parte dos educadores brasileiros que vive escondida atrás de cartilhas, muitas vezes desatualizadas, que não condizem mais com o perfil da juventude do século XXI. Com isso há um embate entre os próprios professores, a famosa cartilha aniquiladora, e os estudantes.

Conseguiram enfiar mais de 40 filhos de pobres numa sala que andam dizendo ser de aulas, e outros tantos com necessidades educacionais especiais, inseridos no meio dos ditos alunos normais, simplesmente com a finalidade de fecharem salas de aula e desviar a verba educacional para outras finalidades duvidosas. E com uma sala de aula em turbulência, se o aluno não aprendeu é porque o professor não ensinou. O pior é que a lavagem cerebral é tamanha que muitos pais ou responsáveis acreditam nessa enorme manobra do sistema, e culpam o professor por essa falência educacional na qual, se os filhos dos pobres não aprendem, é por culpa dos professores, que não ensinam direito.

É certo que muitos professores acreditam que a nuca do amiguinho é que vai garantir a aquisição do conhecimento, enquanto todos em silêncio estão fazendo cópia de uma página de um livro do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Para completar a grande farsa, quando algum professor mais consciente resolve passar uma atividade para ser realizada

em casa, recebe reclamações dos próprios responsáveis, de que o professor X ou Y está atormentando a mente de seus filhos com inúmeras tarefas para casa. Parece que a leitura estraga a visão, como diziam os fazendeiros em tempo da escravidão, e que a manga com leite, com os quais fazemos vitamina, proporciona a chamada congestão que poderia levá-los a óbito. Os coitados mal podem imaginar que uma alimentação balanceada e uma boa leitura poderiam proporcionar a eles uma liberdade mais próspera. O que você acha que merece um povo desse, além dos governantes que têm, que andam fechando indústrias, postos comerciais e provocando o desemprego em massa? Você acredita em uma alienação mais poderosa do que um profissional da educação alienado?

Você vai continuar acreditando que os filhos dos pobres aprendem o suficiente numa sala que dizem ser de aula, em que muito mal o professor consegue se locomover, e ainda fazer atividades diferenciadas para atender à necessidade daqueles estudantes que já estão no 9º ano do ensino fundamental e até o momento não aprenderam a ler e escrever? Que dirá pensar por meio da contextualização! E a aprendizagem sem uma contextualização com a realidade atual seria como um canudo de churros sem nenhum recheio. Tudo na vida é contextualizado por meio de links cognitivos. E para deixar ainda mais claro esse vácuo educacional desregrado, mas



Que conteúdo é esse que nada contextualiza para a vida real?

pensado como um projeto elitizado, os filhos dos pobres são treinados nos próprios bancos escolares para atuarem conscientemente como massa de manobra que cava a própria cova, sem perceberem que o pobre que a um rico apoia serve apenas de pinico. E aqueles poucos alunos que leem e escrevem não aprenderam a tirar o olhar da nuca dos coleguinhos. E muitas mães acreditam na farsa de que a aprendizagem é progressiva ao longo dos nove anos propostos para o ensino fundamental, que se o seu filho não aprendeu a ler, escrever e calcular nos anos iniciais, ele será alfabetizado até o fechamento do ciclo, quando completar os nove anos de aprendizagem do ensino básico. Está aí a grande farsa para com a educação dos filhos dos pobres. E é comum encontrarmos alunos que não foram alfabetizados ao longo do ensino fundamental, já no término do ensino médio. Será que serão alfabetizados no ensino superior? Será que isso é mesmo o ensinar e aprender na vida de um ser humano?

A contextualização para poucas disciplinas não tem passado de eternas cópias desde o início da educação no Brasil. E com o andar da carruagem, percebi que os verdadeiros mapeadores do ambiente de aprendizagem não são os professores das ciências humanas. Você vai continuar a acreditar que a educação que é oferecida aos filhos dos pobres em salas superlotadas e mapeadas, em que os alunos olham apenas a nuca a sua frente fazendo cópias para o professor atribuir um visto, vai libertar

o povo da famosa alienação? Essa abordagem é de conhecimento público, mas aquele que não sabe organizar dificilmente saberá trabalhar contextualizado com outros colegas de disciplinas diferentes da sua. E é isso mesmo que o sistema quer: quanto menos organizados, melhor. Assim quase ninguém ensina e o povo não aprende, para a sua própria liberdade. Tem professores que se dizem donos do saber, mas que não passam de seres alienados diante de cartilhas desatualizadas para não terem o trabalho de fazer uma leitura completa da nova apostila. É difícil cobrar que os alunos cheguem ao término do ensino básico lendo e escrevendo, sendo que muitos professores não sabem fazer uma leitura contextualizada dizendo que isso vai atrasar o seu conteúdo. Que conteúdo é esse que nada contextualiza para a vida real?

De que adianta despejar um conteúdo por meio de diversas cópias sem fundamento para dizer que está trabalhando para o bom aprendizado dos estudantes? Um povo que vai à escola e fica apenas fazendo cópias para o tempo passar jamais terá a sua liberdade de expressão garantida. E um professor que não aprendeu a trabalhar em equipe está contribuindo para a sua própria alienação, e levando junto a si vários estudantes, que não aprenderam o poder que tem um povo quando organizado. Esse tipo de professor é aquele que contribui para o empobrecimento de todo um povo, que vai continuar a viver sem esperança.

Não existe nada mais alienador que um professor desqualificado pedagogicamente, que atende apenas aos interesses do próprio sistema, que está aí para aniquilar cada vez mais a aprendizagem do povo pobre. Quando os próprios professores e a comunidade escolar passam a acreditar que o caos das superlotações de salas de aprendizagem é normal, não podemos esperar uma recuperação pedagógica daquilo que hoje vive à base do copiar e colar que a nota vem. Já estamos muito distantes do que venha a ser a aprendizagem real. E você acredita que a nuca do coleguinha vai lhe trazer conhecimento? Se assim for, tenha um bom mapeamento.

Outro dia uma senhora professora me disse que não consegue ministrar suas aulas se a sala não estiver bem enfileirada e silenciosa. Disse a senhora que no tempo da ditadura todos os alunos tinham de se levantar quando uma pessoa fazia uma visita à sala de aula, e que naquela época todos os alunos aprendiam de verdade. Estamos no século XXI, mas a metodologia de ensino utilizada por grande parte dos professores ainda tem na sua estrutura de centro o princípio da educação brasileira. Que é uma sala de aula mapeada com os alunos e um professor sentado à mesa que utiliza, muitas vezes a cochilar enquanto os estudantes estão fazendo uma cópia para re-

ceber um carimbo e um visto. Será que em pleno século XXI ainda existe esse tipo de professor? Claro que existe, e em quantidade suficiente para manter os filhos dos pobres aniquilados. A única diferença é que hoje as salas de aulas estão superlotadas, e em muitos casos chegam a ultrapassar o número

de 40 estudantes em cada ambiente de aprendizagem, aos cuidados de um único professor.

No dia em que a maioria dos professores aprender que unidos vamos mais longe, quem sabe essa qualidade de ensinar e aprender apareça. Vários professores se escondem atrás de uma cartilha desatualizada e não sabem explorar a tecnologia para ao menos atualizar o que a própria cartilha ultrapassada pelo tempo não mais retrata: a atualidade escondida nas inovações tecnológicas.

O que sabemos é que nunca é tarde para aprender, porém, quanto antes, melhor. Mas quando será esse grande dia? ■

(*) Gerson Carlos Tiburcio, é escritor, e autor de livros e artigos, é professor de Geografia e História da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e professor Universitário.

Inspiração

Juliano Caravela

inspiração
criatividade
mente
corpo

Afinal, o que é inspiração? Juliano Caravela parte da filologia, perpassa pela filosofia e traz algumas de suas experiências como artista, compositor e professor para mostrar o nascedouro desse instante de vida que une o corpo, a alma e o espírito: a inspiração.

A inspiração é um transbordamento em si. Costumo dizer que as grandes ideias criativas não vêm da racionalidade da mente. Claro que a mente tem um papel importante no processo de criação, mas instrumental, que sucede a tomada de inspiração, pois a inspiração em si não se restringe a intelecto algum.

Em latim, muito antes de a inflexão anglo-saxônica tomar conta do lin-guajar do mundo contemporâneo, a palavra intelecto (*intellectus*) possuía raízes no grego antigo, na palavra nous, ou seja, espírito. O que se entendia por intelecto não estava diretamente atrelado à mente, à razão, tampouco à alma (*psyquê*), mas sim àquilo que antecede os dois primeiros: o espírito (*nous*). Talvez daí tenha surgido a palavra in-spiração, em-espírito.

Há um famoso adágio alquímico em latim que diz *Ars totum requirit hominem* (a arte requer o homem por inteiro). Isso sempre me chamou muito a atenção, pois em estado inspirador, o corpo todo é requisitado, não só o intelecto, mas também o corpo sensível, a sensorialidade corpada, as sutilezas do existir, a presença (inspiradora) que pode assolar tanto um fotógrafo, um pintor, um músico, como também um guerreiro, um espada-chim, um arqueiro.

A raiz da inspiração do arqueiro é a mesma da do artista. Um fotógrafo, por exemplo, "flecha" com sua câmera, enquanto que o arqueiro "clica"

com seu arco o alvo. Trata-se da mesma base, da inspiração que é fruto da presença, que é fruto de um instante existencial, de corpo, alma e espírito, tal como diriam os gregos em total integração com a vida, na vida.

Claro que depois de inspirado, você vai usar a racionalidade e a opera-cionalização do intelecto para decodificar, depurar, curar (de curadoria) a ideia criativa, concretizá-la, coisificá-la por meio de uma técnica, de um conhecimento específico, de um argumento, um conceito ou uma narrati-va, o que for, mas o toque inicial acontece antes do pensado.

Nietzsche dizia "não sou eu quem pensa", mas sim "algo pensa em mim" (*es denkt in mir*). Poderíamos citar também o *id* (inconsciente) de Freud, o inconsciente vislumbrado por Jung, citar Espinoza e tantos outros que se deram conta de que aquilo que entendemos como intelecto não passa de uma pequena parte do que experimentamos diante das afetações do mundo e com o mundo, com a vida e na vida.

Certa feita, escrevi o seguinte poema:

*Quando se está à disposição da poesia
o poeta simplesmente desaparece,
não há mais lugar para sujeitos nem objetos,
a palavra engravida-se, embaraça-se de si mesma
e, embriagada de vida e morte,*



A inspiração é um estado que te atravessa, mas que também é atravessado por você.

*pode deixar ao menos a sorte
de um convite impessoal, sem endereço,
mas que te clame, te transborde por inteiro,
e nem mais uma gota.*

A inspiração é um estado que te atravessa, mas que também é atravessado por você. E não se iluda, a inspiração não tem hora nem lugar para acontecer. A tomada de inspiração pode acontecer em situações inesperadas ou pouco românticas para o ideário comum, mas acontece.

Já tive ideias criativas inspiradoras em pleno trânsito de São Paulo, dentro de banheiro público, no meio de uma reunião de negócios, dentro do metrô, do chuveiro etc. O convite da inspiração é fundir-se. Olhe para o papel em branco e escute-o. Funda-se com ele. Esta é uma brincadeira que te ajuda a relaxar diante da criatividade. Pois a criatividade está onde não tem tensão.

Nesse sentido, a criatividade é algo inerente a qualquer ação, não só àquelas ditas artísticas. É uma qualidade intrínseca disponível a cada ato, uma abordagem interna de observar a vida, não só sentir, mas na percepção da vida que há por trás da vida.

Uma pessoa criativa pode fazer tudo criativamente, caminhar criativamente, sentar criativamente, cair criativamente. Pode varrer o chão e o seu varrer ser uma pintura, uma dança. Um copo de leite derramado no chão pode não ser uma mera sujeira a ser removida, mas sim uma possibilidade de criação, um quadro, uma foto, um desenho em potencial. Atente-se.



Para a criatividade não há regra. Dorival Caymmi nunca estudou música e no entanto foi um inegável gênio e influenciador da música brasileira. Claro que técnicas e conhecimento são bem-vindos, podem ajudar a aprimorar a sua criatividade, mas não são garantia de que te tornarão mais criativo. São meras investidas.

A inspiração tem muito mais a ver com a espontaneidade do que com o conhecimento. Estar atento, em modo atenção, além da tensão do mundo, mas no mundo. Inspire-se!

Até a próxima! ■

JULIANO CARAVELA é Poeta, compositor, professor, advogado pela PUC/SP e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Sua obra é uma degustação de poemas, melodias e insights da experiência cotidiana autobiográfica, com influências poéticas que vão do abstrato ao concreto haicaísta e musicais que vão da bossa nova ao pop brasileiro. Empreendedor nas áreas de Arte/Educação/Cultura, ministra palestras, workshops e vivências para empresas, escolas e grupos. Curador de eventos de arte e poética da Casa das Rosas e gestor do Espaço Cultural AveVenus, em São Paulo.

Obras: Livro: *Samadhi – Vértebras em que versos correm* (2016). Ed. Confraria do Vento. Disco: *Transeunte* (2018) – Álbum poético musical. (spotify/deezer/itunes) Clipes e vídeos: [YOUTUBE/JULIANO CARAVELA](https://www.youtube.com/channel/UC...) | contato: julianocaravela@gmail.com | [@espacoavevenus](https://www.instagram.com/espacoavevenus) | [@juliano_caravela](https://www.instagram.com/juliano_caravela) (instagram)



feminismo
igualdade
de gênero
machismo
empoderamento
feminino

Neste artigo, a estudante Catarina Coelho da Rocha Lima fala da sua experiência no projeto HUB, desenvolvido no colégio, e que é ligado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Carta às mulheres

Por Catarina Coelho da Rocha Lima, 16 anos, estudante do ensino médio no colégio Marista de Goiânia

Meu nome é Catarina Coelho da Rocha Lima, tenho 16 anos e estudo no colégio Marista de Goiânia. Participei de um projeto incrível do nosso HUB de códigos e linguagens, uma aula em que a turma é dividida em quatro frentes de pesquisa relacionadas aos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) da ONU, que têm o objetivo de solucionar diversos problemas até 2030. Os objetivos das ODS do nosso projeto basicamente são: conseguir a igualdade de gênero, empoderar todas as mulheres e meninas e acabar com a desigualdade.

O grupo todo ficou superenvolvido e decidimos fazer um curta-metragem usando a linguagem artística do cinema para abordar a gravidez na adolescência, algo muito comum em nosso país. Quisemos justamente mostrar tanto o lado do garoto quanto o da garota nessa situação.

Também fizemos um trabalho de campo visitando o Cevam (Centro de Valorização da Mulher), que acolhe mulheres que passaram por diversos tipos de violência: psicológica, física, sexual, dentre outras. Conhecer a história dessas mulheres me deixou muito chocada com quanto a violência contra a mulher, principalmente a doméstica, está muito presente na nossa sociedade, porém, de forma silenciosa, dentro das casas, o que faz com que poucos fiquem sabendo.

A violência doméstica em Goiás é a segunda maior do Brasil, só perdendo para o Piauí. A dor física que essas mulheres passam obviamente é imensa, mas é ainda pior a dor interna, o trauma que fica marcado para sempre dentro delas. E o pior de tudo, esse tipo de violência, por ser dentro das nossas próprias casas, é praticada por pessoas próximas: pais, padrastos, avôs, maridos, tios etc., o que faz com que a dor seja ainda mais forte, quando transformamos afeto em nojo e dor.

Saindo de lá eu sabia que não podia dar uma ajuda direta para aquelas mulheres a não ser com simples doações. Pensei então em recorrer ao governo, que poderia conhecer a história do Cevam e assim dar uma ajuda muito maior do que a minha. Chegando em casa, escrevi uma carta à primeira-dama do estado pedindo para que ela ajudasse e conhecesse a história dessas mulheres. Em resposta, ela disse que faria o possível para ajudar o Cevam e que procuraria saber tudo o que fosse preciso, e se mostrou disposta a ajudar.

Por mais que não pareça, os assuntos gravidez na adolescência e violência contra a mulher estão muito interligados, pois o machismo e a desigualdade de gêneros também são formas de violência, que estão presentes todos os dias em nossas vidas, sem que possamos perceber. A gravidez para a garota sempre será pior pelo olhar da sociedade — a



Se pararmos para pensar, o machismo está presente em coisas que podemos até considerar simples e banais em nosso dia a dia

mulher sempre será mais julgada, pois ela está carregando um bebê na barriga. O homem não vai perder oportunidades, não vai deixar de estudar, não terá que amamentar.

Sinceramente, as pessoas que pensam que as mulheres não sofrem estão profundamente enganadas. Há séculos mulheres eram consideradas inferiores aos homens e, graças aos movimentos em defesa da mulher, atualmente, nós mulheres temos direito ao voto, a sair de casa sem estar acompanhada de um homem, à liberdade de expressão e ao intelecto. Você sabia que se não fosse por mulheres lutadoras, em busca da nossa igualdade, nós não teríamos o direito de ler um livro atualmente? Um simples livro, de história, filosofia ou qualquer assunto que seja. As mulheres não tinham o direito de exercitar a mente, de ter acesso ao intelecto. Eram obrigadas a permanecer dentro de casa cuidando dos afazeres domésticos, dos filhos e servir de objeto sexual a seus maridos, além de serem submissas a eles. Não interessava se uma mulher tinha uma opinião ou uma forma de pensar diferente da de seu marido, isso não poderia existir nunca, pois as mulheres não tinham direito à liberdade de expressão, nem a se politizarem, muito menos a votarem. Graças às feministas, temos tudo isso hoje.

Se pararmos para pensar, o machismo está presente em coisas que podemos até considerar simples e banais em nosso dia a dia, mas

que fazem toda a diferença no sentido de que ele fique cada dia mais instaurado na nossa sociedade. Como, por exemplo, na religião. No antigo testamento da *Bíblia* temos um conto mitológico conhecido por todos: o de Adão e Eva. Quando Deus chegou ao sexto dia, decidiu criar o ser humano, mas é claro que quis criar primeiro o homem, Adão, que foi esculpido por Deus, diferentemente de Eva, que foi feita da costela de Adão. A mulher considerada a primeira figura feminina da história, segundo a *Bíblia*, veio de outro homem, e ainda por cima foi a pecadora que comeu do fruto proibido e que deu ouvidos à serpente, fazendo com que o pecado ficasse instaurado na humanidade. Além disso, no próprio Gênesis, temos um trecho que diz que a partir daquele momento Adão seria dono de Eva, e que ela deveria fazer todas as suas vontades e obedecê-lo.

Dá pra perceber quão machista isso é? Por que o homem e a mulher não podiam ter sido criados juntos? Por que os dois não podiam ser responsáveis pela criação do pecado? E por que a mulher tem de ser ape-

nas uma consequência do homem? Por mais ficcional e mitológico que esse conto seja, apesar de ter sido escrito há milênios, tem fácil acesso a todos até hoje pela *Bíblia*, que é um dos livros mais lidos do mundo. Portanto, como isso deve ficar marcado na mente de cada um que está lendo? E mais, nenhuma mulher deve seguir ordens ou ser submissa a um homem, mas a religião e diversos outros meios fazem com que essa ideia seja vista como algo cada vez mais natural e aceitável.

Outra forma de machismo muito comum no nosso dia a dia é a forma de tratamento familiar entre meninos e meninas. As meninas devem sempre ajudar as mães, mas os meninos podem jogar videogame o dia todo que não tem o menor problema, pois a mulher sempre vai ser a que sabe cuidar melhor da casa, até porque ela tem uma “habilidade natural” para isso. Outra coisa, muito comum, é o padrão de beleza — a pressão para a mulher estar sempre maquiada, magra e perfeita é muito maior do que para o homem. A mulher tem de ser um modelo para os homens, tem de se vestir para os homens e estar sempre bonita, senão nenhum homem nunca a desejará. O homem pode andar largado, não precisa se importar, que não tem o menor problema. Homem compra e veste a roupa que quer sem pensar se uma mulher vai gostar ou não.

Eu fico extremamente decepcionada com mulheres que não apoiam o feminismo, ou pior, que julgam ser um movimento agressivo, quando na verdade a única intenção é dar às mulheres as mesmas oportunidades e direitos que um homem tem. Não, nós não queremos ser iguais aos homens, queremos nos empoderar da força feminina que existe dentro de cada uma de nós.

A carta que eu escrevi foi só uma pequena atitude perto do que milhares de outras mulheres já fizeram por nós, como Malala, Joana D’Arc, Marie Curie, dentre outras, que mudaram sua sociedade por meio de seus atos pelas mulheres. Eu penso nas milhares de feministas que morreram queimadas na fogueira por nós, mulheres, que estamos aqui hoje tendo milhares de direitos que elas não tiveram em suas épocas.

Mas, agora, nosso papel é dar cada vez mais direitos à nova geração de mulheres que está por vir e não deixar jamais essa luta pelo feminismo cessar. ■

Créditos e agradecimentos a minha professora Janaína Romão, que foi uma excelente instrutora no nosso projeto das ODS (Fifteen) e a todos que fazem parte do grupo:

Roberta, Erick, Sérgio, Giovanna, Thais, Luana, Natália e Hévellyn.



A Ética no Cinema

O cinema sempre foi uma importante ferramenta de reflexão sobre a conduta humana. Por meio dos filmes, temos acesso a uma infinidade de histórias e personagens que nos permitem analisar a forma como entendemos e enfrentamos o mundo.

Nesta edição da revista *Inspire-C*, iniciamos uma nova coluna dedicada à Sétima Arte, começando por dois filmes cujos temas centrais percorrem grandes dilemas éticos: *A Escolha de Sofia*, que traz à luz o conflito de uma mãe diante de uma escolha que nos parece absurda e impossível de se fazer, e *Os Suspeitos*, que apresenta a história de um pai em uma situação extrema de desespero na busca por justiça, custe o que custar.



A ESCOLHA DE SOFIA (1983)

Dirigido por Alan J. Pakula

Elenco: Meryl Streep (Sofia Zawistowski), Kevin Kline (Nathan Landau) e Peter MacNicol (Stingo).

Disponível para aluguel em: Google Play Filmes, YouTube e iTunes Store.

O filme conta a história de Sofia, uma mulher polaca sobrevivente do holocausto que, após o fim da guerra, se estabeleceu em uma pensão em Nova York. Ela tem um relacionamento amoroso com Nathan, um judeu norte-americano que conheceu assim que chegou ao país e por quem ela desenvolve fortes laços afetivos.

O excêntrico casal vivia em um ciclo de brigas e reconciliações. Durante uma das noites de conflito, eles conhecem Stingo, um aspirante a escritor que acabara de se mudar para o mesmo prédio. Os três se tornam muito amigos e passam a estar sempre juntos, como uma família.

Sofia e Stingo ficam especialmente próximos. Toda vez que Nathan enlouquece de ciúmes e vai embora, é o escritor quem dá apoio à amiga. Eles têm longas conversas e, nesses momentos, Sofia acaba lhe confidenciando

histórias de seu passado que ainda a atormentavam profundamente.

Apesar de as três personagens serem carregadas de diferentes e importantes temáticas, o enredo do filme é construído para nos levar até um dilema ético. A fatídica escolha a que Sofia foi submetida quando foi presa pelos nazistas.

A personagem conta que, quando chegou ao campo de concentração, um oficial alemão lhe ofereceu a chance de salvar um de seus dois filhos, sabendo que o outro, inevitavelmente, morreria. Se ela se negasse a escolher, os dois seriam condenados à morte. Ela não tinha outra saída.

O filme tem o poder de nos colocar em um lugar desconfortável. De nos fazer passar por Sofia e pensar em nossos entes queridos. “Qual o valor da vida humana?”, “A morte pode ser justificável?”, são perguntas inevitáveis.

Sem dar *spoilers* sobre a decisão da personagem, é preciso dizer que a

Por Marcella Erédia e Natasha Lima



Fotos: Olga Vlahou e Divulgação

escolha de Sofia é, na verdade, uma escolha impossível, uma armadilha. Afinal, escolher entre um filho ou outro é se tornar cúmplice de quem fez a pergunta, o verdadeiro detentor do poder de escolha.

Ou seja, se Sofia se negar a escolher, o oficial matará as duas crianças. Se ela sucumbir e entregar um dos filhos, ela se torna, também, responsável por aquela morte.

O problema é que a nossa sociedade se acostumou a naturalizar as “escolhas de Sofia” e, em vez de questionar quem cria as soluções e se posicionar contra o sacrifício de uns para o benefício de outros, torna-se cúmplice de determinados posicionamentos e políticas.

Por isso o filme ainda é atual e merece ser visto, ou revisto, por todos aqueles dispostos a realizar um verdadeiro exercício filosófico.



OS SUSPEITOS (2013)

Dirigido por Denis Villeneuve

Elenco: Hugh Jackman (Keller Dover), Jake Gyllenhaal (Detetive Loki), Terrence Howard (Franklin Birch), Viola Davis (Nancy Birch), Melissa Leo (Holly Jones)

Disponível para aluguel em: GooglePlay Filmes

O filme conta a história de Keller Dover, um homem dedicado e religioso que herda do pai o hábito de se prevenir e proteger sua família em situações de possíveis desastres — chegando a estocar suprimentos e materiais no porão de casa —, tendo de lidar com algo desesperador: o desaparecimento da sua filha mais nova, Anna, de apenas 6 anos de idade.

Em uma visita da família Dover à casa de Franklin e Nancy Birch, seus grandes amigos, sem que as famílias percebam, Anna e Joy (filha dos Birch) desaparecem. A partir daí, a polícia é acionada e dá-se início a uma busca pelo paradeiro das meninas, liderada pelo detetive Loki, conhecido por resolver todos os casos em que se envolveu.

Assim que a investigação começa, surge o primeiro e maior suspeito pelo crime: Alex, um homem solitário e com problemas mentais, com um QI considerado de uma criança de 10 anos de idade. Conforme a pressão e a luta contra o tempo aumentam, devido à insuficiência de provas e à dificuldade em enquadrá-lo como sequestrador, Alex é liberado pela polícia após ter permanecido apenas 48 horas preso.

Indignado e acreditando que a polícia falhou, Dover decide fazer justiça com as próprias mãos. É nesse momento que a história toma um ar ainda mais angustiante e faz o telespectador refém das decisões da personagem.

O suspense dirigido por Denis Villeneuve tem como meta principal prender a nossa atenção e nos envolver no que podemos considerar o maior dilema da história: até onde você iria para conseguir fazer justiça? Se a lei a que estamos submetidos enquanto sociedade supostamente falha, é correto ou, ao menos, justificável, fazer justiça com as próprias mãos? E ainda, se a vida nada mais é que uma consequência das nossas escolhas, quem somos nós ao tomar partido em uma situação como essa?

É claro que o enredo traz à luz uma situação complexa, pois trabalha com temas por si só sensíveis e difíceis de assimilar: o sequestro de crianças, a possível perda de um filho, o desespero de um pai na busca por respostas. Mas é nesse sentido que o público assume um importante papel e é levantado um segundo ponto. Afinal, existem dois pesos e duas medidas para cada situação? Se sim, quem pode assumir essa decisão?

Mais que uma história cheia de simbolismos e conexões, o filme nos remete às diversas situações a que somos expostos diariamente e que nos fazem cada vez mais juizes de conduta e supostos seres dotados de algum poder de julgamento.

Os Suspeitos é um daqueles achados que, apesar de longo, cumpre bem o seu papel: prende a atenção até o último segundo e ainda conta com um *plot twist* no final que pode fazer você se perguntar se esteve do lado “certo” o tempo todo e se ele, de fato, existe.



Breves histórias de São Paulo: o Centro Histórico

São Paulo é uma imensidão. Ao prezar pela nossa rotina, muito da cidade nos escapa e locais, espetáculos, livros, conversas, curiosidades e filmes podem trazer experiências novas e diferentes com o mundo. Aqui, neste Recanto, compartilharei com vocês um pouco daquilo que encontro pela cidade.

Mainá Santana, Sub-editora de Cultura

CORPO DA CIDADE, CORPOS DE PASSAGEM, CORPOS NA PAISAGEM

Por Mainá Santana

Complexos viários, viadutos por todos os lados. O centro de São Paulo soa como um lugar caótico e a causa é esse crescimento desordenado e sem planejamento contíguo pelo qual a cidade passou. Em que momento uma vilazinha no alto de um morro se transforma na quarta maior metrópole do mundo, a maior de toda a América? Qual é o fluxo migratório das pessoas dentro da própria cidade? Vamos desvendar um pedacinho dessa história, desta vez a partir do centro de São Paulo, recortando a passagem do século XIX para o século XX como base. Dica: esta é uma matéria pra você juntar com aquela da [edição #4](#), sobre o Largo da Batata. Bora?

Virada. De uma pequena vila no morro de Piratininga, com construções de **taipa** e economia de pouca estabilidade ao longo de três séculos, São Paulo passa a receber os ricos barões do café, abrindo espaço para se tornar o centro financeiro do estado e do país em crescimento. No triângulo histórico, formado pelas ruas Direita, Quinze de Novembro e São Bento, já figurava, desde 1594, o Mosteiro do São Bento, algumas casas e muitos comércios. Em volta, na descida da Igreja Nossa Senhora do Carmo, onde fica a atual Av. Rangel Pestana, lavadeiras utilizavam as águas do rio Tamanduateí para realizar seus serviços, **caboclos** e **caipiras** vendiam alimentos e outros produtos de

uso comum, na região que seria chamada de Mercado Grande. Apesar da concentração de moradores naquele local (aproximadamente 30% dos quase 31 mil habitantes da cidade, segundo o censo de 1871), São Paulo contava com mais oitos **freguesias** (**arraiais** controlados pela Igreja), assentamentos quilombolas e aldeias de indígenas que ali resistiam (e resistem até hoje).

Na região do Anhangabaú, um terreno de grandes dimensões (parte dele situado no antigo Morro do Chá, assim chamado por suas plantações) dificultava o acesso de pessoas ao centro histórico da cidade. É fácil encontrar informações sobre o dono do terreno, primeiro o Barão de Itapetininga e, depois, o Barão de Tatuí (por casamento com a viúva do primeiro); as terras tinham como limite as atuais ruas Líbero Badaró e 24 de Maio, Av. São João, Praça da Bandeira e a Praça da República. Assim, a construção de um viaduto sobre o rio Anhangabaú auxiliaria na mobilidade dos moradores, tornando-se uma demanda populacional. Após 15 anos de idas e vindas, o Viaduto do Chá foi inaugurado em 1892, facilitando o trânsito de carroças, bondes e pedestres, mas com cobrança de pedágio, articulada pelo poder público com os construtores para custear as obras... Obviamente isso também excluía o tráfego de algumas pessoas.

A construção do viaduto transformou a vida da cidade. Mesmo com a cobrança de 60 réis para pedestres e 200 réis para bondes, houve a inten-

sificação do fluxo de um lado para o outro, permitindo, por exemplo, que a elite cafeeira se instalasse nos bairros Santa Ifigênia e Campos Elíseos, locais com terrenos bem menos acidentados e com menor influência dos rios que o centro velho. O nome das ruas e as construções ali presentes demonstram esse momento da sociedade paulistana: Barão de Limeira, Barão de Mauá, Barão de Campinas. Apesar da fama de morada dos barões, a Av. Paulista, primeira avenida planejada da cidade, nascida sob o nome de Rua Real Grandeza, endereçava apenas um membro da realeza: a Baronesa de Arary (aquela que batizou o edifício dos artistas, ao lado do Parque Trianon). A Av. Paulista era, sobretudo, o endereço dos novos ricos da época.

Essa é a parte da história mais bem conhecida, bem como o que segue sobre os imigrantes chegando do porto de Santos, indo trabalhar nas fazendas ou nas indústrias localizadas nos arredores da cidade. Temos acesso a filmes, livros e narrativas registradas das descendências dos imigrantes e dos barões e baronesas do café, o que é maravilhoso, porém incompleto. Para remontarmos o quebra-cabeça desse tempo-espaço é preciso lembrar que, em paralelo à ideia de modernização e europeização vigentes, trazidas não apenas pelos ricos que agora se instalavam na cidade, mas também pelo poder público, outras lógicas operavam.

O rio. Sob a égide da modernização, as enchentes causadas pelos rios estiveram entre as primeiras questões a ser observadas pelo poder público. A maioria das cidades brasileiras foi construída em regiões de **várzea** e São Paulo não foi diferente; todos os rios, assim como os mares, têm períodos de seca e períodos de cheia. Diante do aumento populacional da cidade, o fluxo natural dos rios passou a ser considerado um problema de urbanização, embora desde a fundação da Vila aqueles fizessem **parte das estratégias de ocupação do território**. E mesmo no início da industrialização: a primeira indústria de cerâmica, instalada no local onde hoje fica São Caetano do Sul, tinha seu endereço às margens do rio, fonte de água e facilitador do transporte das telhas, azulejos e ladrilhos fabricados.

Abaixo do Mosteiro de São Bento, a região da Rua 25 de Março já no início do século XIX era um local de grande comércio e distribuição de produ-



O "Mercado Velho", também conhecido como "Mercado dos Caipiras". Postal editado por Guilherme Gaensly e circulado em 1901.

tos. A famosa Ladeira Porto Geral, que hoje dá acesso à Rua 25, era, àquela época, o acesso ao Porto Geral do rio Tamanduateí. Ao lado deste, que era o maior porto da região, situava-se o Mercado dos Caipiras (1867), apelido para o Mercado Grande, onde pescadores e produtores rurais da região comercializavam seus produtos. Atenção: não confundir com o Mercado dos Caipiras de Pinheiros, cuja história foi publicada na [#edição4](#). O Porto Geral e o Mercado dos Caipiras se mantiveram em atividade até o início e meados do século XX, respectivamente, quando o rio começou a ter seu curso canalizado e o Mercado Municipal foi construído.

Indesejáveis. Em meados do século XIX, a existência do Mercado Grande, que concentrava pessoas diversas como as "Lavadeiras da Várzea", os "caboclos" ou "caipiras" e os "curandeiros" ou "pretos veios", entre outras pessoas de camadas sociais mais baixas, incomodava os barões do café e o poder público. Vale lembrar que tudo isso ocorria em paralelo a um longo processo de divergências políticas e interesses econômicos sobre como lidar com a escravatura, especialmente no que diz respeito à Revolução Industrial e sua necessidade de trabalhadores livres e consumidores, bem como às pressões da Inglaterra que, por ser a potência mundial do momento, não queria concorrência com países que pudessem produzir e deixar de comprar de suas colônias. No Brasil, a abolição ocorreu sem grandes preocupações com a concessão de direitos e sem plano algum de transição para

Foto: Sampahistorica.wordpress.com

a inserção da população negra recém-alforriada no mercado de trabalho, preferindo-se, em vez disso, importar mão de obra imigrante desde antes da assinatura da Lei Áurea. Inclusive, um adendo: a Lei dos Sexagenários (de 1885, que instituía alforria aos idosos acima de 65 anos) previa *indenização aos senhores de escravos* e não ao idoso que conseguisse chegar a essa idade para ser liberto. Em São Paulo, as pessoas negras libertas se concentravam em grande parte na Praça 14 Bis, local onde posteriormente foi fundada a escola de samba Vai-Vai.

As pessoas de camadas sociais mais abastadas tinham medo de andar no Mercado dos Caipiras, visto, além de tudo, como um local sujo e cheio de insetos, por conta da margem do rio, associando as pessoas que ali transitavam e trabalhavam como autônomas àqueles adjetivos. Ao longo de 30 anos foi traçado um plano de "embelezamento" da região com, além da canalização do rio, a construção de um parque aos moldes franceses, o que se tornaria o Parque Dom Pedro II. Nessa circunstância, a beleza, ou melhor, *esse tipo de beleza aos moldes franceses*, pode ser lida como uma tentativa de **higienismo e gentrificação**, fenômenos recorrentes ao longo da história da cidade de São Paulo. Em discurso, o então prefeito da cidade, ex-secretário da Justiça e da Segurança Pública do Estado de São Paulo e futuro presidente do Brasil (1926–1930), Washington Luís, sintetiza e expõe o sentimento das elites e do poder público da época: "[O novo parque] não pode ser adiado", explica o prefeito, "porque o que hoje ainda se vê, na adiantada capital do estado, a separar brutalmente do centro comercial da



Mercado dos Caipiras, retratado em postal editado por Battelli Malusardi e circulado no dia dos namorados de 1904.

Foto: Sampahistorica.wordpress.com

cidade os seus populosos bairros industriais, é uma vasta superfície chagosa, mal cicatrizada em alguns pontos, e, ainda escalavrada, feia e suja, repugnante e perigosa, em quase toda a sua extensão" (TORRES, 1969, p. 182-183, *apud* SANTOS, 2003).

O caso das lavadeiras, pretos veios e caipiras. As lavadeiras do Carmo, ou lavadeiras da Várzea, eram facilmente encontradas às margens do rio Tamanduateí com suas trouxas de roupas e modos específicos de vestir; "do Carmo" porque desciam a hoje Av. Rangel Pestana, que parte da Igreja Nossa Senhora do Carmo até a várzea do rio. A existência desse posto de trabalho aparentemente era apreciada pela população, tendo em vista a grande quantidade de roupas para lavar, mas não muito pelos representantes do poder local, já que essas eram trabalhadoras autônomas, "insubordinadas" e descritas por alguns registros históricos como criadoras de confusão. A polícia, segundo descrito por Sesso (1983), entrava no meio das brigas dessas mulheres, cuja discussão geralmente tinha a ver com encontrar um melhor local para trabalhar. As descrições geralmente são em favor de explicitar um modo de ser proibido, uma subjetividade feminina que não era compatível com a metrópole que estavam tentando criar. Obviamente que a maior parte dessas mulheres era de escravos libertas ou suas descendentes.

Já os curandeiros, ou pretos veios, não podiam ter suas práticas de vendas de ervas e garrafadas por conta de uma política higienista do Estado. Existia até lei que proibia o exercício de mandingas e a venda de patuás, sob pena de 30\$ de multa e dez dias de prisão. Relatos descrevem suas barracas de venda da maneira mais asquerosa, como se juntassem moscas e toda sorte de bichos, mais uma vez associando a negritude, o indigenismo e saberes ancestrais com a sujeira. Em uma São Paulo cujo sistema de saúde era falho, muitos membros da elite recorriam a esses saberes para sanar suas dores e doenças da época, o que desagradava ao poder público e feria o "Código de Posturas do Município de São Paulo" (1886).

Os caipiras, que emprestavam a designação para dois grandes mercados da cidade, eram agentes facilitadores do comércio e da distribuição de produtos. Também são chamados de caboclos ou mamelucos e, quando aparecem em textos de memória da cidade, são descritos como indivíduos

robustos, que possuem um ar “rústico e desajeitado”. A palavra “caipira” deriva da palavra “curupira”, nome pelo qual eram chamados os “demônios” que habitavam as matas. Segundo alguns estudiosos, o termo era utilizado para descrever a descendência indígena presente na cidade ao longo dos anos, de maneira a diluir sua existência e costumes.

Apesar do movimento de expulsão dessas populações da Várzea do Carmo e da futura Rua 25 de Março, eles continuavam resistindo e ocupando o local. A situação piorou com as sucessivas obras de canalização do rio (que perdeu até o fim dos anos 20) e com a demolição do Mercado dos Caipiras para a construção do atual Mercado Municipal (1932); tudo parte do tal plano de embelezamento. Curiosamente, com o declínio do período cafeeiro, as mudanças de paradigma estético vieram a cavalo. Com seu Plano das Avenidas, o prefeito de São Paulo, Prestes Maia (1938–1945), quis aproximar a cidade de outras estadunidenses com uma política de transporte voltada às rodovias, utilizando parte do modelo europeu de anel viário. Ele não anunciou, por razões econômicas, que em cidades como Paris e Viena existem anéis não apenas rodoviários, mas também hidroviários e ferroviários, que complementam o transporte na cidade. O plano de Prestes Maia deu origem à configuração que temos até hoje e entendo que não foi a beleza que o moveu, mas os lotes de terra por ali valorizados e o aumento da indústria de automóveis.

Não é exclusivo. Esse tipo de procedimento, de retirada das pessoas de camadas mais baixas da população de seus locais de moradia, não é exclusivo do centro. Pessoas pobres, que ainda insistiam em utilizar os recursos hídricos naturais da cidade (até porque não possuíam recursos financeiros para dispor de água encanada), também foram retiradas, por exemplo, do bairro da Pompeia, quando moradores soterraram uma bica de pedra construída por moradores mais antigos. A ideia era impedir o acesso de pessoas *indesejáveis* à água do Córrego da Água Preta (aquele que passa embaixo do Sesc Pompeia), evitando que compartilhassem o mesmo território. Recentemente, o grupo Hezbolago desenterrou a bica, fazendo um lago com peixes que se alimentam de larvas de mosquitos da dengue, na Praça Diogo do Amaral. Já um caso de resistência é o do seu Onofre Sabino, 81 anos em 2013, que sempre trabalhou lavando táxis com água da nascente do córrego Saracura, próximo à Praça 14 Bis.

As tensões entre o corpo da cidade, os corpos indesejáveis, o corpo político e o corpo econômico-financeiro foram desenhando os contornos dessa São Paulo gigantesca, desigual e de crescimento caótico. A canalização dos rios liberou as encostas, mas não deixamos de sofrer com suas cheias, com bueiros entupidos ou com canais de córregos que hoje também transportam esgoto. Uma região de mata diversa, com bromélias, plantas do Cerrado e da Mata Atlântica foi apenas dizimada. Algumas das histórias se repetem, outras se modulam levemente para outros finais, mas, aparentemente, as relações estão bem estabelecidas entre todos esses corpos, desde o início da industrialização ou, por que não dizer, desde a tomada dessas terras pelos portugueses.

Quem chegou, quem estava, o que tinha

Os primeiros colonos aportados em São Vicente (antiga Tumiaru), desejosos de explorar cada vez mais as terras que haviam tomado, necessitavam sair do litoral em direção ao interior do país. E a Serra do Mar se configurava como uma barreira natural a essa expansão. Até hoje, para chegar ao planalto via litoral sul, é possível perceber a Rodovia Régis Bittencourt aumentando gradualmente sua inclinação sobre a serra, desde o Vale do Ribeira. Se a opção de subida for um dos caminhos do litoral norte, é preciso encarar a região bastante acidentada que sai de Ubatuba/Caraguatatuba. A Baixada Santista, no entanto, permite um rápido deslocamento de (hoje) 70 km sem relevos muito difíceis de lidar, como um grande degrau. As trilhas que subiam do litoral para o planalto já eram conhecidas entre os Tupiniquins e os Tamoios, e eram braços do Caminho do Peabirú (atravessando o continente até os Andes). Tanto a cidade de Santos como a de São Paulo tiveram grande parte de seu desenvolvimento por conta da região onde se situam.

Iniciada no morro de Piratininga, palavra tupinambá para “peixe seco”, São Paulo tem sua fundação em 1554, entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, em uma região alta o suficiente para espreitar possíveis incursões dos moradores das terras brasileiras, especialmente dos Tamoios. Escolhida para ser vila em detrimento da região de Santo André, São Paulo era distante o suficiente da encosta da Serra do Mar. A instalação da vila naquele local era providencial para os portugueses da época, que, além de se utili-

zar do fator geográfico para autoproteção, dispunham dos recursos hídricos necessários para a constituição de uma vila, envolvendo não apenas a água para consumo, mas a possibilidade de transporte para outros locais e a alimentação pela fauna e flora dali.

Com a palavra, Washington Luís, o prefeito de São Paulo que se tornou presidente do País:

“É aí que, protegida pelas depressões do terreno, pelas voltas e banquetes do Tamanduateí, pelas arcadas das pontes, pela vegetação das moitas, pela ausência de iluminação se reúne e dorme e se encachoa, à noite, a vasa da cidade, em uma promiscuidade nojosa, composta de negros vagabundos, de negras edemaciadas pela embriaguez habitual, de uma mestiçagem viciosa, de restos inomináveis e vencidos de todas as nacionalidades, em todas as

idades, todos perigosos. É aí que se cometem atentados que a decência manda calar; é para aí que se atraem jovens estouvados e velhos concupiscentes para matar e roubar, como nos dão notícia os canais judiciários, com grave dano à moral e para a segurança individual, não obstante a solicitude e a vigilância de nossa polícia. Era aí que, quando a polícia fazia o expurgo da cidade, encontrava a mais farta colheita.”

“Tudo isso pode desaparecer e tendo sido já muito melhorado com a canalização e aterrados feitos, sendo substituído por um parque seguro, saudável e belo, como é o do projeto Cochet. Denunciado o mal e indicado o remédio, não há lugar para hesitações porque a isso se opõem a beleza, o asseio, a higiene, a moral, a segurança, enfim, a civilização e o espírito de iniciativa de São Paulo.”

PARA PENSAR

* A utilização de recursos naturais é sempre associada à pobreza e a falta de recursos financeiros. Obviamente que saneamento básico custa e deveria ser direito de todas as pessoas brasileiras, mas existem diversas maneiras de se urbanizar uma cidade. Por exemplo, o próprio engenheiro Francisco Saturnino de Brito (autor do planejamento dos Canais de Santos, que escoam para o mar as águas pluviais da cidade com absoluto sucesso) tinha outras ideias para a questão da cheia do Tamanduateí e de todos os outros rios: proteger as várzeas e em todas as confluências

de rio criar um lago, que seria um núcleo aquático de um cinturão de parques da metrópole. Já imaginou?

* A região de São Paulo é muito bem servida de rios, córregos, com águas para todo o canto; características preciosas apreciadas pela população indígena Tupiniquim (hoje muito reduzida), que morava aqui antes de 1500. É curioso pensar que eventualmente sofrermos de crises hídricas na cidade de São Paulo, não é?

VOCÊ SABIA?

* **Arraial** | é um lugarejo, uma pequena povoação, menor que uma vila. Pode ser utilizado como sinônimo de acampamento ou de assentamento.

* **Freguesia/Freguesia do Ó** | freguesia é o nome de uma região administrativa, herdado por Portugal, correspondente a uma região de Paróquia. Freguês vem de *filgrês*, aquele que é filho da igreja. Até a proclamação da República, a Paróquia e a Freguesia eram correspondentes

e os membros do clero recebiam do Estado para conduzir suas atividades administrativas e paroquiais. Com o tempo, o nome Freguesia foi deixando de ser usado, mas não no caso da Freguesia do Ó, cujo distrito e bairro mantêm o mesmo nome — ainda ligado à igreja da Nossa Senhora da Expectação do Ó. A Freguesia do Ó foi o arraial mais antigo de São Paulo, povoado em 1580 e inicialmente chamado Sítio do Jaraguá.

* **Nossa Senhora da Expectação do Ó** | a adoração remonta à semana final de gravidez de Maria. O “ó” é um grito de júbilo pelo nascimento do menino Jesus.

* **Várzea** | é o termo para uma terra plana, em um vale extenso e cultivado. No Brasil, as várzeas são conhecidas por serem terrenos cultiváveis junto aos rios e ribeirões. O termo “futebol de várzea” nasceu em São Paulo, justamente nas partidas informais dos jovens, antes de o futebol se tornar profissional. Os times de futebol de várzea praticamente pagam para jogar, uma vez que a maioria não possui nenhum patrocinador e que os campeo-

natos são pagos, então os jogadores têm de desembolsar dinheiro para sua manutenção.

* **Taipa** | também chamada de pau a pique, é uma técnica de construção que mescla, geralmente, solo, palha e água. A Igreja Nossa Senhora do Carmo tem sua estrutura feita de taipa.

* **Higienismo** | é uma doutrina que considera as doenças como fenômenos sociais, associando pobreza à sujeira.

* **Gentrificação** | é o processo de retirada de uma população de camada social mais baixa para a entrada de pessoas ricas.

DICAS



Inundação da Várzea, Benedito Calixto

* Dois grandes artistas registravam a memória de São Paulo na passagem do século XIX para o século XX. O pintor Benedito Calixto tinha a característica de registro, trazendo personagens quase como em uma fotografia com suas pinceladas. Compartilho aqui a obra *Inundação da Várzea* (1892 – óleo sobre tela, 1,25 x 4 metros), que traz justamente esse momento de cheia do rio, com uma riqueza de detalhes absurda. A obra reproduz uma vista panorâmica do Pateo do Colégio, com o Mercado Grande em terceiro plano, cheio de pessoas e carroças no segundo pla-



Militão Augusto de Azevedo

no, parte do Porto Geral, a fábrica de tecidos do Major Diogo à esquerda, o Brás ao fundo. O original está no Museu do Ipiranga.

* O segundo artista é o fotógrafo Militão Augusto de Azevedo, que nos deixou um Álbum *Comparativo da Cidade de São Paulo* entre os anos 1862–1887–1914. O link da Secretaria de Cultura do Município

para acesso on-line infelizmente não funciona, mas além do exemplar físico na Biblioteca Mário de Andrade, é possível acessar algumas

imagens por sites de buscas. Também compartilho aqui uma dessas fotos, do ângulo oposto ao quadro, com uma lavadeira em primeiro plano. Militão tirava fotos de todas as pessoas da cidade, vestindo-as da mesma maneira, independentemente de classe social, cor ou credo; o fotógrafo foi importante para o registro dessas vidas que não compactuam a memória coletiva na arquitetura e nos discursos sobre a cidade. Vale procurar algumas fotos!

* Gosta de escrever poesia? E de dançar, atuar, pintar? A partir das próximas edições, esta seção será exclusiva para textos dos nossos leitores! Envie o seu material com o seu nome (ou pseudônimo, fique à vontade!) para que a gente publique e compartilhe na revista e em nossas mídias sociais. Todos têm arte fruindo nas veias, que tal mostrá-la para o mundo? Estamos a um clique de distância :)

maina@revistainspirec.com.br

Juarez F. Dias Filho

Que a pele queime
ao sabor da paixão!
Que os corações se ouçam
E que se queiram, sempre!
Que o engano padeça,
causando menos sofrimento
E que as palavras se engulam,
nessa insana tentativa
de explicar os sentimentos.

[Extraído da Zine nº1 – Tãatos Corpos - Quantos deixei para habitar este hoje]

Priscila Pires (@@priscilahbc)

PARADOS NA PRESSA

da cidade

Não desejada

Movimentam-se para

caber mais um

não desejado

Não pedem outra coisa

conformados

É longe demais

o caminho até os ouvidos

barulhentos e silenciosos

movimentos

coreografados

de prazer

Ocupam tão pouco espaço

Silenciosos nas vias públicas

Barulhentos na troca

dos cômodos

movimentos espontâneos

apenas nos dias de alegria

quando dançam furtivos

Clamam a Terpsícore

“Dê-nos voz

Para catar o exílio

silêncio e s p a ç o ruído

liberdade de equilíbrio”

Nos conformamos demais

Aos momentos furtivos

Um cômodo após o outro

uma rua após a outra

um dia após o outro

sempre com

um pé

depois

o outro

Tão sensíveis

A cada toque o êxtase

Os que descobriram

este caminho

demoraram-se mais nos

cômodos



Vísceras (2013)

Ana Carolina Ermel (@anacarolermel, @carolermel.art)

papel de bala de coco queimado e guache sobre papel, 29,7 x 42 cm

INSPIRE-C))

www.revistainspirec.com.br
contato@revistainspirec.com.br
Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
São Paulo, SP – CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532

**Confira outros
vídeos desta edição
acessando o nosso
site:**

www.revistainspirec.com.br/videos

Realização:

espaçoética

Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
São Paulo, SP
CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532



Iluminar vidas é a nossa missão

A ACESA CAPUAVA é uma associação sem fins lucrativos cujo objetivo principal é desenvolver as potencialidades humanas por meio do atendimento nas áreas de saúde, educação, assistência social e cultura, apoiando integralmente a inclusão de crianças, jovens e adultos com Transtorno do Espectro Autista, Deficiência Múltipla, Deficiência Intelectual e Surdez.

SEJA UM SÓCIO-CONTRIBUINTE

Você pode ajudar mensalmente a ACESA CAPUAVA. O valor da sua doação é livre e você doa o quanto puder. Ela pode ser feita por débito em conta, boleto bancário ou cartão de crédito. É muito simples e fácil.

Banco Bradesco: Agência 214
Conta 0073848-4
CNPJ 05.332.435/0001-57



www.acesacapuava.com.br | www.acesacapuavastore.org.br | [acesacapuava](https://www.facebook.com/acesacapuava)

